

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UMA CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

Teresinha de Jesus A. Magalhães Nogueira (UFPI)¹

GT 11 – História, Memória e Educação

INTRODUÇÃO

Segundo Saviani (1993, p. 45) “O concreto é histórico e para dar conta da problemática concreta da educação é necessário assumir a postura histórica”. Ao se reconstruir a história da educação, tal procedimento supõe um processo investigativo que não deve ser limitado apenas ao considerado por história da educação, mas sim, voltar o olhar para os diversos aspectos desse contexto histórico em que se desenvolve o fenômeno educativo, pois “[...] é esse processo de investigação que fará emergir a problemática educacional concreta” (SAVIANI, 1993, p. 49).

Reconhece-se a amplitude da educação e sua complexidade, podendo ser percebidas nos pensamentos de Lopes (1989), quando considera que a educação abrange a todos de forma que ninguém escapa da mesma. A educação, como prática social histórica, envolve individual ou coletivamente o ser humano de forma duradoura, fazendo com que este, possua e construa sua própria história (a qual pode ser escrita ou não). Pode-se até dizer que esse universo educacional e, de forma particular a escola esteve, ou está presente, no cotidiano das pessoas, ou mesmo em sua memória.

Contudo, há um interesse inconstante que se apresenta relativamente pequeno, por parte da história, no que se refere à área de educação. Há consenso entre os autores de que a abordagem própria da disciplina História da Educação está submetida aos interesses particulares de pesquisadores, de acordo com suas necessidades de dar certa cronologia aos seus objetos de pesquisa, ou mesmo apenas fazer um recuo no tempo, a procura das origens de seu objeto, muitas vezes, percebe-se que esse recuo ao passado, decorre do fato de certas temáticas envolverem problemas que nascem nas origens dos mesmos.

Comunga-se nesse estudo com as idéias de Saviani (1993, p. 45), que ao se falar em História da Educação, necessita-se do reconhecimento de cada campo, pois, “trata-se de História da Educação e não de História (porque neste caso também o nosso projeto esvazia) e nem apenas de educação (porque neste caso ela seria desenraizada)”. Para se resolver o problema da ambigüidade, torna-se necessário concentrar-se na “problemática educacional concreta”. Não se esquecendo que se tratam de processos, que como tais estão em construção.

Este estudo procura fazer uma reflexão sobre educação, história e sobre a visão dos pesquisadores em relação à História da Educação, quanto à problemática educacional. Sendo este trabalho de natureza qualitativa, procura basear-se na Nova História Cultural, reconhecendo a dinâmica e a complexidade da temática. Utilizou-se uma pesquisa de campo realizada durante a disciplina de História da Educação Brasileira (primeiro semestre de 2004), aqui colocada apenas para possibilitar um breve olhar sobre a visão desses professores pesquisados, cuja pequena amostra representativa é de dois professores e uma professora.

Procura-se para melhor compreensão deste estudo dividi-lo em: educação e história; a História da educação na visão de alguns autores e finalizar com algumas considerações gerais.

¹ Professora graduada em Pedagogia, especialização em Marketing – UFPI e Políticas Públicas - UFPI, mestranda em Educação.

EDUCAÇÃO E HISTÓRIA.

A palavra “educação”, assim como “história”, são palavras polissêmicas, ou seja, possuem vários significados, os primeiros significados vêm se transformando no decorrer da história. A palavra educação em seu sentido etimológico segundo Buisson “[...] é relativamente nova e está ligada a ‘nourriture’ (alimentação, amamentação) em dicionário latim-francês de 1549” (BUISSON, apud LOPES, 1989, p. 35). No dicionário latim-português, observa-se que educação origina-se de educativo, que no sentido próprio da palavra significa “[...] ‘criação, cultura, ação de criar (animais), alimentar (plantas)’ e no sentido figurado, significa ‘educação, instrução’. O verbo EDUCO, no sentido figurado, ‘educar, instruir, ensinar’” (LOPES, 1989, p.35).

Segundo Ragazzini (1999, p. 20), deve-se evitar o uso “[...] não controlado do termo educação, como se ele fosse um termo simples e unívoco capaz de definir e identificar o ‘objeto’ do qual a história seria parcial ou completamente feita”. Trata-se aqui da educação como uma “prática social histórica”, e como tal, seu conceito é historicamente construído, pois se refere a um aspecto dessa prática, que também é produzida durante um processo histórico.

A palavra ‘história’ é de origem grega e significa ‘inquerito’, ‘investigação’, que designa uma realidade, assim como o conhecimento dessa realidade. Lopes (1989, p. 36), em seu livro “Perspectivas históricas da educação”, relata que “[...] é a educação (ou educações) que põe questões à história”. Busca-se assim, um equilíbrio entre o contar a história da educação, dando segundo Saviani, uma abordagem aos “[...] determinantes estruturais (econômicos) e suas relações com o político e com o social” (SAVIANI apud LOPES, 1998, p. 38).

Assim, parte-se de uma tentativa de fazer uma “relação entre as partes e o todo”, procurando evitar “[...] o caráter idealista existente nas visões historicizante e historicista da História da Educação [...] propõe ampliar o seu ponto de historicidade, mostrando os processos contraditórios [...] enfim suas determinações históricas de tempo e espaço” (VIEIRA apud LOPES, 1998, p. 38).

Observa-se que há um *habitus*, no sentido de se dizer o que é a educação e se fazer a sua história, sem, contudo ver as realizações e as concepções, sem uma consciência apropriada das implicações, perdendo a especificidade do modo de entender a educação. Muitas vezes os problemas e os processos que são identificados como “educação”, nem mesmo são pertencentes a essa área, ou indicados com esse nome.

Entende-se nessa perspectiva que o *habitus* produz práticas adaptadas a situações que se renovam, mas que não se constituem em princípios explícitos. Bourdieu (1994, p. 65), explica que há necessidade de se colocar em “[...] relação a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus* (que engendrou essa prática) com as condições do exercício desse *habitus*, isto é, com a conjuntura [...]” . Percebe-se a existência de determinantes que dificultam os processos de mudanças das relações. Relações estas que devem ser reconhecidas em suas diferenças.

Não é possível tratar da história e da educação sem ter a visão de suas dinâmicas, como se essas não fizessem parte de um processo. A educação não pode ser percebida como um apêndice da história, onde aquela fica na penumbra desta, como se não fossem realidades interdependentes e ao mesmo tempo autônomas por si mesmo.

Para compreender a educação tem-se que lançar mão de algumas singularidades que contribuem de certa forma para aguçar o olhar para as realidades que se apresentam de forma bem diferentes. A educação e a história buscam, portanto, uma reflexão sobre o

“outro”, percebe-se também que apresentam uma tendência para realização de pesquisas mais localizadas, apesar de ser um campo bastante recente.

Porém, a história ainda não é percebida nessa visão do “outro”, continua muito forte a concepção positivista, em que a história não passa de uma sucessão de fatos ordenados, em busca de um progresso, que seria alcançado quando se atingisse o que os positivistas denominavam de “estado positivo, perfeito”, que segundo Chauí era:

[...] caracterizado pela renúncia ao conhecimento do absoluto, das causas últimas, passando então a dirigir as forças intelectuais para a compreensão das leis e das relações que se podem constatar entre os fenômenos por meio da observação e dos instrumentos teóricos (CHAUÍ apud LOPES, 1989, p. 22).

Por essa visão percebe-se a história por meio de pesquisas em documentos e em fontes primárias, eruditas, impossibilitando-a de firmar-se como ciência, cuja “matéria prima”, os fatos, são apresentados de forma única, com um passado cristalizado, que não pode ser transformado.

Para alguns pesquisadores positivistas, a história apresenta-se externa ao observador, constituindo-se de forma cronológica linear e homogênea, ou seja, a história aparece tendo como base fatos isolados e como protagonistas heróis criados por uma visão determinista, dominante, mantenedora da ordem social.

É de certa forma, contrapondo-se a esse cenário que, dentre as concepções históricas, desenvolveram-se duas linhas: a do marxismo e dos Annales². A concepção marxista busca, “[...] o rompimento, por um lado, com a visão providencialista e metafísica da história, e, por outro, com essa visão “científica”, ao colocar o cerne da história no homem e o cerne da ciência na história” (LOPES, 1989, p. 24).

A concepção dos Annales tem nas palavras de Febvre³, um de seus principais organizadores, a demonstração de sua visão inovadora: “Para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida” (FEBVRE apud LOPES, 1989, p. 26).

Para Cambi (1999), a transformação na maneira de se entender a história deu-se por meio de uma ação conjunta de várias orientações historiográficas, onde a pesquisa científica passa a ser conduzida por procedimentos metodológicos renovados. O autor considera além do marxismo e da pesquisa dos Annales, a contribuição da psicanálise, o estruturalismo e as pesquisas quantitativas, dentre essas orientações à pesquisa histórica. Cambi considera que:

O marxismo trouxe à luz [...] o papel da estrutura econômica e política, política e cultura, cultura e sociedade [...] para os pesquisadores marxistas, a história aparece como luta de classe e de ideologias, que se articulam em torno de sistemas de produção e que visam a hegemonia histórica, influenciando cada âmbito da vida social, da família ao Estado e à cultura. A pesquisa histórica torna-se investigação complexa [...] pronta a colher conflitos e contradições, hegemonias e oposições. [...] a escola dos Annales se inspirou no marxismo [...] tendo em vista uma história *por inteiro*, que leve em conta *todos* os fatores e aspectos de um momento ou de um evento histórico [...] sublinharam, assim, o pluralismo da pesquisa histórica e o jogo complexo das muitas perspectivas que acabam por constituí-la,

²Segundo Cambi (1999) representa “uma revista nascida na França em 1929 e que teve um papel fundamental na renovação da pesquisa histórica, além de uma notoriedade realmente mundial”.

³ Lucien Febvre e Marc Bloch- principais organizadores da revista Annales.

relacionando-a com as diversas ciências sociais. [...] quanto à psicanálise, foi sobretudo a área americana que, através da “psico-história”⁴, afirmou sua aplicação à pesquisa histórica. [...] o estruturalismo (pense-se em Foucault) e a história quantitativa (utilizada amplamente por Lê Roy Laudurie) puseram o acento sobre aquilo que é impessoal na história, sobre as estruturas que regulam os comportamentos individuais em profundidade (sejam instituições ou mentalidades) e as leram como variáveis quantitativas, sujeitas a análises sociais, a reconstruções estatísticas. [...] No cruzamento dessas diversas posições (além de outras: como a etno-história, por exemplo) realizaram as três revoluções cruciais da historiografia contemporânea (CAMBI, 1999, p. 25-26)

Para o autor supracitado, é por meio da revolução dos métodos (metodologia múltiplas, abordagens plurais), do tempo (temporalidade plural, poliestruturada, problemática e nunca unívoca-unitária), dos documentos (efeito da interpretação, privilegiando os dados que levam à descontinuidade), que ocorreu um amadurecimento da imagem crítica histórica, mostrando o “[...] pluralismo das abordagens e a complexidade de sua fisionomia, assim como a dialética do tipo de pesquisa que vem a investigá-la” (CAMBI, 1999, p. 26).

Lopes (1989), assim como outros autores, têm a História como uma ciência em construção, sendo a História Nova uma tendência recente da historiografia. Considera que esta nova tendência segue a linha de inovação dos Annales, inovando-se em três processos que são: **novos problemas** – questionando a própria história, **novas contribuições** – transformações significativas nos setores tradicionais da história; **novos objetos de estudo** no campo epistemológico⁵ da história. Jacques Le Goff e Pierre Nora, são segundo Lopes (1989), considerados os “pais” da História Nova, para eles:

[...] o essencial não é sonhar, hoje, com um prestígio de ontem ou de amanhã. *É saber fazer a história de que temos hoje necessidade. Ciência do domínio do passado e da consciência do tempo, deve ainda definir-se como ciência da mudança, da transformação* (GOFF; NORA apud LOPES, 1989, p. 28. Grifo nosso).

Em concordância com esse pensamento, de que é fundamental a construção da história conforme as necessidades do contexto histórico a que se está inserido, partindo-se da valorização dos novos protagonistas que direta ou indiretamente participam de forma coletiva ou mesmo individual desse processo histórico, compreende-se que a pesquisa deve dar vez e voz a esses sujeitos históricos.

Reconhece-se, que a história não pode ser vista somente de forma pragmática, como um saber inútil, mas na construção de no entendimento do presente, valorizar e perceber aquilo que os fatos daquele momento estão colocando como problemas, procurando assim, deter-se nos detalhes de um gesto, de um olhar mais profundo, na forma de pensamento ou mesmo no agir, para que se torne possível construir a micro-história de cada momento, instituição, pessoa...

Mas, não se pode esquecer de procurar fazer o cruzamento entre as diversas fontes, para que a história possa se constituir como uma visão da realidade colocada naquele momento histórico, considerando-se que essa realidade apresenta-se de forma dinâmica, multidimensional, não devendo ser apenas uma imagem congelada no tempo.

Mas, qual a concepção atual do professor de História sobre a história? Quais as práticas desses professores em sala de aula?

⁴ Estudo das mentalidades coletivas e individuais.

⁵ Concernente a epistemologia – teoria ou ciência da origem, natureza e limites do conhecimento.

Para responder a esses questionamentos tem-se como exemplo os resultados de uma pesquisa de campo realizada por alunos do Curso de Pedagogia do Período Especial da UESPI - Universidade Estadual do Piauí, de 02/02 a 18/02/2004, durante a disciplina de História da Educação Brasileira, quando foram pesquisados entre outros sujeitos, dois professores e uma professora. O primeiro professor, formado em História, especialista na área de educação, cursando Direito, trabalha na rede municipal há oito anos. O segundo professor, formado em Licenciatura Plena em História, estudante de Direito, trabalha na rede estadual há dez anos. A professora, formada em pedagogia, com formação também em Licenciatura Plena em História, professora do Regime Especial da UESPI, Pós-graduada em Docência Superior e Coordenadora pedagógica de uma escola privada. Citam-se as respostas referentes aos questionamentos, de acordo com a ordem colocada:

- Quanto ao questionamento sobre a visão da história hoje, tem-se respectivamente as seguintes respostas:

A história mudou muito, está evoluindo muito, é uma história mais real, mudou tanto que os professores têm dificuldade de passar para o aluno.

A história hoje está mais identificada com a história popular; dos grupos sociais e menos factual/positivista; mesmo assim ainda existem professores que adotam livros cuja visão da história está ultrapassada.

Infelizmente a desconstrução de uma mentalidade histórica é um processo demorado, contudo o estudo de História tem tido uma grande mudança. O ensino de História merece uma atenção dobrada por ser peça chave para a construção da memória. Em nossa instituição de ensino, procuramos sempre refletir, compreender e estabelecer vínculos entre o passado e o presente, acreditando estar na formação histórica o pontapé fundamental para a tomada de consciência.

Percebe-se que os professores investigados têm uma visão mais atual da história, demonstram conhecimento das novas concepções históricas, mas estão ainda confusos. Na resposta do primeiro professor na frase “passar para o aluno”, o verbo “passar” utilizado por ele, deixa uma idéia daquela antiga transmissão dos conhecimentos. Observa-se também em outros questionamentos realizados que quanto às suas práticas pedagógicas, têm-se ainda presentes “alguns elementos intocados que, surpreendentemente, são os mesmos, aqui [...] lá em 1915” (GALVÃO; LOPES, 2001,p.17), percebidos ao ser feita a pergunta:

- Qual metodologia você adota na sua prática pedagógica? As respostas foram respectivamente:

Aula expositiva, muito raramente aula passeio [...] prática de avaliação é avaliação contínua e escrita.

Método de aula expositiva, com recursos audiovisuais. Não utilizo apenas a avaliação quantitativa, mas a avaliação qualitativa (observação do desempenho do aluno ao longo do período).

Trabalha-se com fatos cotidianos, textos complementares, história oral, documentos associados a percepções de mentalidade, estudos direcionados, pesquisas (bibliográficas e de campo), projetos interdisciplinares.

Ressalta-se, também entre esses elementos que continuam “intocados”, a forma como se trabalha as datas comemorativas na escola, pois, ainda se conservam os antigos

heróis. Urge uma análise crítica que objetive desmistificar, por meio de uma análise da própria cultura, quanto à valorização e idealização em torno desses conceitos.

Reconhece-se por meio desta pequena amostra sobre a visão da história, a confirmação do pensamento de Galvão e Lopes (2001, p. 17) quanto ao fato de que “Às vezes é preciso esperar duas ou três gerações para que uma inovação educacional se estabeleça”.

Assim, torna-se importante uma reflexão de como vem se desenvolvendo a educação e sua história.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES.

Quanto à visão histórica da História da Educação, encontra-se por meio da historiografia, relatos sobre uma escola estudada tradicionalmente, de forma que “[...] a educação tem sido, tradicionalmente um objeto ignorado ou considerado pouco ‘nobre’, embora, com a progressiva influência da Nova História Cultural, isso venha, aos poucos, mudando” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 27).

Assim, a História da Educação como disciplina, não nasceu da História propriamente dita, mas foi desenvolvida principalmente nas Escolas Normais e nos Cursos de formação de professores (final do século XIX), tendo dessa forma sua história relacionada diretamente ao campo da Pedagogia, desenvolvida em alguns países da Europa e Estados Unidos (século XVIII). Não diferentemente, no Brasil a História da Educação relaciona-se com a história das Escolas Normais, sendo posteriormente associada aos cursos de Pedagogia das Faculdades de Filosofia. Vieira afirma que:

[...] somente a partir de 1930, com as reformas educacionais surgiu no Brasil a disciplina História da Educação, enquanto matéria pertencente aos planos de estudos das Escolas Normais. Muitos anos depois já na década de 40, a disciplina História da Educação passou a integrar o conjunto de estudos pedagógicos, a nível de ensino superior (VIEIRA, 1982, p. 110).

O que se percebe nos relatos históricos é que talvez pela necessidade prática da área educativa, não foi dada a necessária importância à História e à Filosofia, tornando-se essas duas áreas, apenas disciplinas que completavam o currículo dos cursos de formação de professores. Segundo Galvão e Lopes (2001, p. 27):

[...] com a Escola Nova, foi a vez de a Psicologia e a Biologia serem consideradas ciências centrais para a Educação, do mesmo modo que na década de 1950 (e depois, novamente, na de 1980), a Sociologia foi vista como a chave para explicar os fenômenos educativos. Foi desse modo que a História da Educação, praticamente ignorada pelos historiadores de ofício, foi considerada secundária no próprio campo da educação.

É dado à Filosofia o acompanhamento da História da Educação em todo o seu trajeto, fazendo com que ocorresse por muito tempo, uma associação entre essas áreas, chegando em alguns cursos a serem chamadas de Fundamentos da Educação.

Tendo a História a tarefa de tratar sobre a organização dos sistemas de ensino no decorrer dos tempos, cabia à Filosofia tratar do pensamento pedagógico. Percebe-se que essa associação entre as duas áreas encontra-se até hoje presente nos cursos de formação de professores.

Mesmo com a separação institucional entre essas áreas (na década de 1970), é bastante presente uma grande relação entre ambas, observadas principalmente na formação de uma única linha de pesquisa, passando assim a contribuir para que a história das idéias pedagógicas fosse uma das vertentes mais pesquisadas, tendo como fonte para as investigações as obras dos grandes pensadores.

Pelo fato de a trajetória da História da Educação está diretamente relacionada à Pedagogia e ao ensino, esta só recentemente (a partir de 1950 e 1960) inicia-se como um campo de pesquisa.

O que muito preocupa, é que a maioria das pesquisas, expunha e ainda expõe, fatos que se supõe ter acontecido, ou mesmo, que se desejava, ou deseja-se que aconteça, preterindo dessa forma as micro-relações existentes entre a realidade presente no contexto histórico social, econômico e político, a favor das macro-relações estabelecidas. “No caso da História da Educação no Brasil, essa tentativa de articulação entre aspectos da história econômica, política e social do país e a educação é ainda mais recente” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 31).

Hoje a História da Educação apresenta-se de forma inovadora nos objetos que vem estudando e progressivamente vem incorporando outras áreas, como as de gênero, etnia, além da de classe, que já vinha sendo estudada pela concepção marxista, sendo estas consideradas também relevantes para compreensão do passado dos fenômenos que envolvem a educação.

A História durante muito tempo desconheceu a necessidade de lançar olhar para o “outro”, para as diferentes realidades, deixando no esquecimento, os outros sujeitos como os negros e os indígenas, dando prioridade ao português, esquecendo-se que juntos participaram na construção histórica, dando lugar ao que Ribeiro (1988) denomina de “um povo novo” pois, “Surgimos da confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português com os índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (RIBEIRO, 2003, p. 19).

A “História da Educação no Brasil” constrói-se a partir de uma história contada pelo “invasor português”, por muito tempo se esqueceu que o Brasil é mais do que uma simples etnia, e sim “uma etnia nacional”, um “povo-nação”, o qual vem sendo esquecido pela história. Para que se possa entender a Educação no Brasil e contar a sua História, torna-se necessário o reconhecimento de que:

O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável (RIBEIRO, 2003, p. 23).

A educação é uma prática social na qual todos estão inseridos de forma individual ou coletiva, pois se trata de uma “prática social histórica”, conforme Lopes (1989), a educação possui uma história, que foi ou não escrita e que também produz uma história que poderá ou não ser escrita. Percebe-se que a história do “povo-nação”, representado por Ribeiro é uma história que ainda não foi escrita, como muitas outras.

Segundo Lopes (1989, p. 13) a história da História da Educação apresenta-se com um caráter evolucionista, ou seja, uma série de etapas sucessivas num desenrolar temporal único:

Estuda a evolução das instituições, escolares, dos métodos pedagógicos e das doutrinas pedagógicas. A educação historiada é, assim, aquela perpetrada pelos povos que conseguiram seu lugar na história; mais que isso é aquela realizada pelas *classes* que, ao se tornarem vencedoras na História, escreveram a sua própria História e suas próprias práticas educativas, relegando, rejeitando e ocultando todas as outras práticas educativas que se desenvolvem na própria construção da sociedade.

É de comum acordo entre os estudiosos da área, fazerem avaliações críticas sobre esse estudo, predominando a periodicidade, Warde (1984) questiona que estão presentes duas tendências nesses estudos, a primeira refere-se à periodização do objeto em exame, apresentando diferentes marcos históricos, outra tendência é a de que independente do objeto e da visão em que ele é tomado, as periodizações são voltadas para as referências políticas. Observa-se, portanto, um consenso sobre essa perspectiva estar voltada para a História dos vencedores.

Assim, as pesquisas, em sua maioria, procuram adaptar seus objetos aos períodos, ou referenciais políticos como a Era Vargas, entre outros. Busca-se uma autonomia dos pesquisadores e o reconhecimento de que a história é dinâmica e deve ser construída a partir de vários olhares, reconhecendo os novos sujeitos que foram relegados, rejeitados, esquecidos. Necessita-se que se voltem os olhares para outras práticas educativas, que se desenvolveram e desenvolvem-se durante o processo de construção social.

Observa-se em todo o estudo uma tendência a dar ênfase a história, de maneira que a educação tornar-se uma mera conseqüência desse processo, Saviani (1993) propõe que se dê ênfase à Educação, ou mesmo às problemáticas educacionais e, desta forma o sentido da história surgirá com toda amplitude. O autor sugere também que ao se fazer um estudo da História da Educação, sejam reconhecidas as inter-relações dos determinantes estruturais, políticos e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a História, quanto a História da Educação não podem partir apenas do estudo do passado para uma possível previsão do futuro, no alcance de um progresso, pois se assim for realizada, essa história da educação terá como base uma linearidade, que não é mais possível diante da complexidade dos tempos.

Essa cultura contemporânea, na qual se sobrepõe linguagens, tempos e projetos, apresenta-se de forma plural, com muitos eixos problemáticos. Logo, não se pode mais reconstruir uma história determinista, linear e homogênea. A Educação e a História devem promover a formação de uma consciência crescente da descontinuidade, da não-linearidade, da diferença e da necessidade do diálogo como dimensão operativa na construção da realidade.

Ao se fazer uma indagação científica do passado, deve-se ter como base a preservação das diferenças oriundas desse passado, procurando-se revelar as diversidades e, a riquezas encontradas na multiplicidade dos olhares. Para que a educação não se constitua apenas em um apêndice, na construção de sua história é necessário que se dê ênfase às problemáticas educativas e seus determinantes socioculturais, políticos e econômicos. Assim, deve-se trabalhar com a dinâmica de interação entre o objeto estudado e estes determinantes.

Torna-se importante construir um determinado olhar sobre a história do campo, sobre a consolidação de uma história da educação mais localizada, mais voltada para o nordeste. As considerações que tem sido feitas até agora demonstram em relação à denotação

da história da educação, que esta se coloca como termo amplo e contemporaneamente como um subtermo específico. Precisam-se discutir essas temáticas de maneira que a educação possa sair da penumbra da história e dos outros campos para constituir-se de forma autônoma por meio da ênfase nas problemáticas relacionadas a ela.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz, Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

GALVÃO, ANA Maria; LOPES, Eliana Marta Teixeira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Eliana Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 2. ed. São Paulo, 1989.

RAGAZZINI, Dario. Os estudos Históricos-Educativos e a História da Educação. In. SAVIANI, Dermeval (Orf.). **História da Educação: perspectiva para um intercambio internacional**. Campinas, São Paulo, 1999.

RIBEIRO, Darcy . **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1988.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 11. ed. São Paulo:Autores Associado, 1993.

VIEIRA, Evaldo. Por uma história da educação que esteja presente no trabalho educativo... **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo: Cortez, nº 12, p. 110-112, set. 1982.

WARDE, Miriam Jorge. Anotações para uma Historiografia da Educação Brasileira. **Em aberto**, Brasília, DF, ano. 3 n. 23. set/out. 1984.